O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1:014

28 DE FEVEREIRO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

S. A. O PRINCIPE GUILHERME DE HOHENZOLLERN
(De fotografia)

Chronica Occidental

Levantaram ferro as esquadras inglezas, e ainda pelas serras do Algarve devem rolar os eccos das enormes salvas. Aos que assistiram ao maravilhoso espectaculo, deve custar-lhes voltar á vida ordinaria, discutir os vintens caseiros, medir a quantidade de assorda a comer quando se lembrar dos monstros que viu navegando pelo Oceano e que engolem por dia centenares de contos.

Separam-se as esquadras para differentes mares, e não temos nós mais que fazer do que lançar os olhos para o que nos vae por casa, e, depois d'alguns ohs! e ahs! de admiração, apurar a attenção para coisas mais pequenas, que são para nós de muito maior importancia·

Politica?... Pois está visto. De que ha de falar-se desde que o sr· João Franco é ministro? Mas d'esta vez, os casos são deveras de muito chamar a attenção e até o estado da questão vinicola fez esquecer por momentos a dos sanatorios, que entretanto, por varios incidentes que se vão dando promette durar, e com variadas crises que não deixam por agora prever o desenlace.

Para se formar uma idéa de quanto os animos se tem excitado com a questão agricola, basta lêr o que se passou no comicio do domingo ultimo na Real Associação de Agricultura e as resoluções de caracter pratico que n'esse comicio foram tomadas.

Tomou n'elle parte muito importante o Dr, Oliveira Feijão, que, dias depois, na camara resignava o seu mandato de deputado. Por esse motivo lhe foi feita uma imponente manifestação de sympathia, quer quando sahiu do edificio das côrtes, quer depois na Associação Central de Agricultura Portugueza, de que o Dr. Feijão é presidente. Muitos oradores falaram por essa occasião, sendo determinado pela assembléa que lhe seja offerecido um banquete e uma medalha de oiro.

O banquete deverá realisar-se, no Hotel da Avenida, segundo se diz, na proxima quarta feira, 6 de março, ás 7 horas.

Mas ainda outras questões, algumas das quaes já foram motivo de excellentes discursos na camara, como, ainda ultimamente, o muito notavel do sr· conselheiro Julio de Vilhena, continuam preoccupando a opinião. A questão da Imprensa, entre outras, está longe de terminada, e ainda, no domingo 24, se realisou em Lisboa um comicio imponente favoravel á liberdade e em que tomaram parte como oradores os srs. Consiglieri Pedroso, presidente, Magalhães Lima, Pedro Martins, Bernardino Machado, Theophilo Braga, Zeferino Candido, Faustino da Fonseca, Carneiro de Moura, Agostinho Fortes, França Borges, Antonio José d'Almeida e João Pinto dos Santos.

Foi approvada a moção apresentada pelo Dr. Magalhães Lima, resolvendo, depois de varias considerações, «encarregar a mesa de levar á camara dos dignos pares o mais vehemente e caloroso protesto contra o projecto de lei que ali vae discutir-se, pedindo a sua completa rejeição.»

Entretanto o inverno em Lisboa vae delisando como o costume, favorecido n'estas proximidades de primavera por um tempo extraordinariamente bello e já sem aquelle frio, que tão favoravel foi ás grippes.

Continuam muito falados os illustres viajantes que visitaram ultimamente Portugal e que se teem mostrado incansaveis, quer procurando conhecer em Lisboa os melhores monumentos e pontos mais pittorescos, quer sahindo em comboios e procurando levar para a Allemanha perfeito conhecimento das bellezas maiores do paiz em arte ou em natureza.

A princeza Mathilde de Saxe e o principe de Hohenzollern, que ambos falam portuguez, devem levar excellentes recordações da nossa terra. Decerto não lhes será estranha a historia de Cintra e de Mafra, de Alcobaça, da Batalha e de Thomar. O sangue portuguez que lhes gira nas veias deve ter-se-lhe alvoroçado quando seus olhos contemplaram tantas memorias de passadas glorias d'esta terra.

Vae-se a nossa capital transformando para me-

lhor e dentro em pouco será digna de receber os muitos hospedes que uma propaganda intelligente aqui nos poderá trazer. Para isso anda luctando um grupo de homens intelligentes e de boa vontade.

Faz hoje um anno que foi fundada a Sociedade Propaganda de Portugal e já muitos beneficios lhe deve o nosso paiz. O anniversario será festejado com um jantar que deve realisar-se no Hotel de Inglaterra.

Foi a Sociedade Propaganda de Portugal que conjunctamente com a Associação Commercial de Lisboa, promoveu uma das mais lindas festas em homenagem ao general Julio Rocca, ex-presidente da Republica Argentina. Ao almoço que lhe foi offerecido no Mont'Estoril, assistiram os srs. presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros. Falaram estes srs. brindando ao illustre estadista, e os srs. Fernando de Sousa, Carvalho Pessoa e Villegas representante da Argentina em Lisboa e Dr. Alberto Fialho, representante do

Dr. Consiglieri Pedroso
Discursando no Comicio da Imprensa

Brazil. O general Rocca, agradecendo a homenagem que lhes era prestada, brindou por El-rei e pelas prosperidades do povo portuguez.

Belmiro, o mais espirituoso dos nossos poetas, n'uma gazetilha que a este proposito publicou, um dia d'estes no *Seculo*, atribuindo o equivoco ao nosso Mendonça e Costa diz que o general Rocca deve ser de fiar.

Falámos de intelligencia e de boa vontade ao referirmo-nos aos homens da propaganda. Uma e outra qualidades já a tem demonstrado, e muito para o notarmos tem sido esta approximação para que tanto collaboravam entre Portugal e os paizes sul-americanos.

Está com elles o coração de todos os bons portuguezes, ainda mais n'este momento em que, por um bemdito renascer de patriotismo, temos visto o esforço geral para engrandecer as nossas glorias.

Foi muito bella a homenagem prestada ao grande trabalhador Theophilo Braga, uma genuina gloria portugueza. Foi um grupo de alumnos do Curso Superior de Letras que a promoveu em honra do seu illustre professor. Realisou-se o sarão em sessão solemne do Grande Club de Lisboa e todos os oradores exaltaram, como deviam, a obra colossal, o aturado estudo e brilhantissimo talento d'esse homem que é, ao mesmo tempo, um poeta, um pensador e um patriota.

Tem-lhe, muita vez, prestado sua homenagem o Occidente. É com a mais viva satisfação que une hoje, o seu applauso ás muitas acclamações que por toda a parte saudam o grande mestre.

E depois de saudarmos um vivo, glorifiquemos um morto, ainda com voz. Este foi um dos maiores artistas de Portugal e chamava-se Rafael Bordallo Pinheiro. Foi grande tambem o seu talento, foi enorme; immortal é a sua obra.

Na exposição, que actualmente está aberta nas salas da *Illustração Portugueza*, podemos ir admiral-o, podemos, com saudade intensa recordar o grande artista, que se nos foi, quando ainda d'elle tanto esperavamos, tão vivos eram ainda seu espirito e fantasia no alquebrado corpo. Á iniciativa tão de applaudir dos artistas da *Illustração Portugueza* para exaltar a memoria de Rafael como originalissimo ceramico, uma outra deveria corresponder, de effeito seguro: a de reunir n'um só volume a obra prima do caricaturista, que seria escolhida entre todas as obras de Rafael, em Portugal, no Brazil, nas variadas publicações.

Manuel Gustavo lá figura ao pé de seu pae, e mais uma vez aqui prestamos homenagem a seu talento, misturando applausos que lhe são dedicados aos muitos que nos merece a actual exposição. Bom serviço prestaram os iniciadores á arte portugueza.

E já que de applausos tanto felizmentete falámos na presente chronica, adeantemos mais alguns. Está por poucas horas a primeira representação em S. Carlos da opera *Amor de perdição* de João Arroyo. Já da opera falámos, quando, por amavel convite do auctor, assistimos a sua audição ao piano. Contam d'ella maravilhas os que tiveram a felicidade de assistir a alguns dos ensaios, muita vez interrompidos com fartas ovações ao compositor portuguez. Temos o palpite que, para a proxima chronica, teremos que escrever alegres linhas sobre a arte em Portugal.

Dizem que, um dia d'estes vae-se embora a gente do Bera, tendo afinal vendido os vidrinhos por uma tuta e meia. Pois deixal-a ir. Ainda por ahi nos ficam muitos parentes. Mas, Propaganda de Portugal por um lado e propaganda de bom senso pelo outro, e talvez isto tome outro rumo.

João da Camara.

INTERMEZO

Azul no ceu; e ao sól a terra brilha;
E cantam aves no salgueiro em flôr!
É tudo alegre! Só eu triste — filha!
Porqu'esta dôr?
Mas que funesto presentir é este,
Que envolve em crepe o manto azul celeste
Que traja a natureza?
Não digas mais... já sei, meu coração:
. . . .
Azul no ceu; ao sól a terra brilha;
Ai, como á Vida esta minh'alma é presa!
Não chores, minha filha!
Não te apoquentes — não?

II

Ora quando este mundo é para nós tão lindo,
(Nós que andamos aqui, de rojo, como vermes,
Arrastando a carcassa angustiosa, e inermes
A terra a cada instante ao pezo d'ella indo)

Quando atravêz do olhar — o espaço tão finito —
Nos deslumbra do ceu o azul, o azul do mar...
E o vêrde prado e tudo achamos tão bonito,
Desde o insecto que zumbe, á pomba pelo ar...

Que extranha sensação, quando materia inerte —
Nossa alma d'ella sôlta, ás amplidões se erguêr!
E livre, e sem que um laço unicamente a aperte,
Podêr então o mundo... e os mundos todos vêr!

Talvêz ache imperfeita a creação da terra,
Sombrio o azul do ceu e nêgro o mar profundo!
O verde prado em flôr que podridão encerra!
— Um estirquilinio só, a fermentar immundo!

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1907.

(Inédito) Mario de Santa Rita.

O Principe de Hohenzollern em Lisboa

Chegou á estação do Rocio, no *Sud-Express* de 20 do corrente, pelas 11 horas da noite S. A. O Principe de Hohenzollern, onde era esperado por S. M. El-rei D. Carlos e S. A. o Infante D. Affonso, acompanhados de seus ajudantes e camaristas, ministerio, ministro da Allemanha com secretario da legação etc.

S. A. O Principe de Hohenzollern Guilherme Augusto Carlos José Fernando Pedro Bento, nasceu no castello de Bernath a 7 de março de 1864 e é filho do falecido Principe Leopoldo de Hohenzollern e da Infanta D. Antonia de Bragança, filha de D. Maria II, pelo que é primo direito de El-rei D. Carlos, sendo ainda mais estreitos os laços de parentesco, pois que seu pae era irmão da Princesa Estephania que casou com El-rei D. Pedro V, vindo, portanto, de quasi meio seculo a aliança da casa de Bragança á de Hohenzollern de que descende o atual imperador da Allemanha.

O Principe Guilherme de Hohenzollern, atual chefe e herdeiro da casa Hohenzollern, é casado com a princesa Maria Thereza de Bourbon e Secilia. Recusou a sucessão que lhe foi oferecida ao trono da Romania, caso morresse sem herdeiros seu tio soberano daquelle reino, casado com Isabel Wied, a celebre escritora *Carmen Sylva*.

Por esta recusa virá seu irmão, o Principe Fernando, a herdar a corôa da Romania. Este principe é casado com a princesa Maria de Saxe Coburgo Gotha.

Tem ainda um terceiro irmão o Principe Carlos Antonio, casado com a princesa Josephina da Belgica.

* * *

Tem para o Principe Guilherme de Hohenzollern particular interesse a visita que veio fazer a esta capital, não só por vir abraçar parentes chegados que lhe serão caros, mas ainda por vêr a terra de sua mãe, a quem, desde creança terá ouvido falar em mil recordações, ora pintando-lhe este ceo tão azul, onde o sol deslumbra, neste extremo occidental da Europa, e a larangeira floresce colorindo com seus dourados pomos os pomares verdejantes; ora contando-lhe dos dias de sua infancia em que este povo a saudava carinhosamente e com saudade a viu partir. Tantas e tantas lembranças do seu Portugal terá a saudosa Infanta contado a seu filho, que seguramente lhe avivaram maior desejo de ver a patria, berço de sua mãe.

No palacio das Necessidades, onde a Infanta D. Antonia nasceu, ali se alojou o Principe, e nos poucos dias que se demora em Lisboa, Sua Alteza não se esqueceu de visitar o Pantheon Real de S. Vicente de Fóra, onde foi esperado por Monsenhor Carlos Costa. Ali depôz uma corôa de flôres sobre a urna de El-Rei D. Luiz.

Em companhia de El-rei D. Carlos tem o principe visitado os principaes monumentos da capital, a Escola do Exercito, a de Mafra, o Castello de S. Jorge, e nestes estabelecimentos militares assistido a varios exercicios, especialmente na Escola Pratica de Infantaria, onde presenciou uma sessão de esgrima, trabalhos de gimnastica na esplanada do quartel, equitação e tatica abstrata.

Passeios a Cintra, Cascaes, Batalha, Alcobaça etc., tem sido outras tantas diversões para o illustre hospede, a quem foi tambem oferecido jantar de gala no paço da Ajuda, concerto á noite e recita em S. Carlos.

O Principe de Hohenzollern deixa Lisboa brevemente, devendo partir no dia 1 março.

Estamos certos que deixará com saudade este cantinho do occidente, onde muito se terá lembrado do que ouvira contar a sua mãe.

GENERAL JULIO ROCCA

EX-PRESIDENTE DA REPUBLICA ARGENTINA

Esteve de passagem em Lisboa, onde apenas se demorou tres dias, vindo de Paris e seguindo para o Rio de Janeiro, o General Julio Rocca, ex-presidente da Republica Argentina, que, em companhia de suas gentis filhas, tem andado em viagem pela Europa.

O pouco tempo que aqui se demorou mal lhe permitio conhecer a nossa capital, que tão falada terá sido na Argentina, nos ultimos tempos, desde que se propôz a ser o *terminus* das viagens dos vapores que fazem carreira entre aquelle pais e a Europa com sobvenção do estado. Entretanto o ex-presidente daquella republica, pelo que declarou á direção da Sociedade de Propaganda de Portugal, que lhe foi apresentada pelo digno consul, sr. Jacinto Villegas, ficou agradavelmente impressionado com a sua visita a Lisboa, onde encontrou um clima delicioso, achando-se muito reconhecido pela amavel recepção que lhe faziam, sentindo não poder demorar-se mais tempo para apreciar devidamente todas as belezas desta capital, declarando mais, ser sua opinião que o porto de Lisboa é o naturalmente indicado para *terminus* das carreiras dos vapores da America do Sul.

Esta declaração do ilustre general é de alta valia para o bom resultado das deligencias que se tem empregado para que seja Lisboa o porto *ter-*

minus daquellas carreiras, deligencias em que tanto se tem empenhado a Sociedade Propaganda de Portugal.

O general Rocca nos tres dias que esteve entre nós, visitou alguns dos monumentos da cidade e sobre tudo apreciou os lindos panoramas que se desfrutam dos altos de Santa Catarina e da Graça, onde foi para gosar o surprehendente espétaculo.

Visitou a legação Argentina, onde lhe foi oferecido chá pela esposa do sr. Jacinto Villegas, encarregado de negocios, e a que assistiram varias damas e cavalheiros da colonia. Esteve á noite no concerto do paço da Ajuda, onde foi convidado por El-Rei D. Carlos a jantar no paço das Necessidades, no domingo 24 e a assistir á recita de S. Carlos naquella noite.

Nesse dia o ex-presidente da Argentina, por convite da Sociedade Propaganda de Portugal e da Associação Comercial de Lisboa, almoçou no Royal Hotel do Monte Estoril. Este almoço a que assistiram, alem da direção da Sociedade Propaganda de Portugal e presidencia da Associação Comercial, o sr. presidente do conselho, sr. ministro dos estrangeiros, sr. ministro do Brasil e sr. Villegas, teve, por assim dizer, o encanto de uma festa de familia, para o que bastará lembrar que todos ali se entendiam na mesma lingua.

O logar do Estoril não podia ser melhor escolhido, nem o dia ser mais ameno, para das janellas do hotel, se gosar a ampla vista que de ali se descobre, tendo por fundo do maravilhoso scenario o vasto oceano.

Os brindes que se trocaram no fim do almoço foram em extremo afétuosos, sendo o primeiro levantado pelo sr. conselheiro Fernando de Sousa, presidente da Sociedade Propaganda de Portugal, seguindo-se o do sr. Carvalho Pessoa por parte da presidencia da Associação Comercial, e o do sr. presidente do conselho e ministro dos estrangeiros. A estes brindes responderam os srs. general Rocca, ministro do Brasil, sr. Alberto Fialho e sr. Villegas.

Mais se afirmaram as cordiaes relações entre os paises ali representados, ramificações da mesma origem, aspirando todos a estreitar cada vez mais os laços de familia que os unem.

* * *

O General Julio Argentino Rocca, ex-presidente da Republica Argentina, nasceu em Tucuman a 17 de julho de 1843, filho do coronel D. José Segundo Rocca que se destinguio na guerra da independencia do seu país, e de D. Agustinha Paz.

O general Rocca mal se havia matriculado na escola militar, teve que deixar os bancos das aulas para acudir ao campo de batalha onde se feria a guerra da confederação de 1858. Era ainda uma creança, se pode dezer, pois contava apenas 15 annos, quando recebeu o batismo de fogo na batalha de Rozario.

Voltando aos estudos, quando terminou a campanha, em 1859, e decorridos dois annos eilo de novo em campo para tomar parte na guerra que, pela segunda vez, rebenta entre a Confederação e Buenos Ayres. É em Pavora que elle combate com denodo e foi esse combate que decidio da causa, dando á Argentina a hegemonia da confederação e a vitoria ao valoroso Bartolomeu Mitré.

Era Julio Rocca tenente do 6.º batalhão de infantaria quando entrou na campanha do Uruguay nas fronteiras de Mendoza. Ao terminar esta, seguiu-se a revolta de Enre-Rios motivada pelo assassinato do general Urquiza, e desde então Julio Rocca toma parte átiva em todas as lutas travadas naquelles estados.

Commandava as praças de guerra das fronteiras do Cayo, quando foi convidado para ministro da guerra.

Tinha então o posto de general, e com o seu espirito militar e patriotico conseguio realisar a grande aspiração do seu pais, a qual era estender as fronteiras argentinas até ao Rio Negro. Esta conquista é uma das suas maiores glorias.

Foi assim que o general Rocca alcançou palmo a palmo o prestigio que o rodeou e o sufragio publico que, em 1880, o levou á presidencia da Republica.

Seis annos ocupou a presidencia do seu país, em que este mais se desenvolveu e avançou largamente na senda do progresso, bem dirigido por uma administração acertada.

Em 1895 o general Rocca voltou a ocupar interinamente a presidencia da Republica, por motivo de doença do presidente Uriburu. Em 1899 era novamente eleito presidente, continuando o seu governo a promover o engrandecimento da hoje florescente Republica.

As esquadras inglêsas na bahia de Lagos

Estiveram reunidas, na bahia de Lagos, desde o dia 13 até 23 do corrente, as esquadras inglêsas reunidas do Canal, do Mediterraneo e do Atlantico, para manobrarem e fazerem exercicios na costa do Algarve.

Estas esquadras compunham o total de 60 navios, deslocando ao todo umas setecentas mil toneladas, sendo o navio chefe o cruzador *King Edward VII*, e o commandante superior das esquadras o almirante Wilson.

Os principaes navios que a formavam eram: os couraçados *Exmouth, Caesar* e *Illustrious* de 14:900 toneladas; *Canopps*, 12:950; *Cornwalls* e *Duneau*, 14:000; *Gollat*, 12:950; *Jupiter, Hannibal, Mars' Prince George* e *Russel*, de 14:900; *Swifteure*, 11:600; *Triumph*, 11:985; *Vengeance*, 12:950; *Dido* e *Juno*, de 5:600; *Topase* e *Saphire*, 3:000; *Good Hop*, 14:100; *Antrina* e *Argyll*, 10:850; *Dexenshire, Hampshire* e *Roseburg*, 11:850; *King Edward VII, Africa, Hobernin, Britania, Hindustan* e *New Zealandia*, de 16:350; *Amethyst, Arrogant* e *Diamon*, 3:000; *Drake*, 14:100; *Borwich*, 9:800; *Alach, Prince* e *Duke of Edimburgh*, 13:350. *Venerable, Formidable, Implacable, Irrisistible, London, Prince of Walles* e *Lucon*, 15:000; *Diana, Minerva, Venus*, de 5:600; *Bacchante, Hogin* e *Sutley*, 12:000; *Carnawan*, 10:850; *Lencaster, Swffolk*, 9:800; *Secouts, Pathfinder* e *Patrol*, 2:940; *Sentinel*, 2985.

Suas Magestades El-Rei D. Carlos, Rainha D. Amelia e Sua Alteza o Principe Real D. Luiz Filippe visitaram a esquadra, onde foram recebidos com as honras do estilo, havendo para com as pessoas reaes as maiores distinções por parte dos almirantes e mais oficialidade da esquadra.

No domingo 17, Suas Magestades e comitiva ouviram missa a bordo do *yacht Amelia* depois da qual se dirigiram para bordo do couraçado *Exmouth*, onde foi oferecido pelo almirante da esquadra um lauto almoço aos regios visitantes.

Por essa occasião todos os navios romperam a salvar, podendo-se calcular o numero de tiros em 1:300.

Não é facil descrever e menos imaginar o deslumbrante aspéto da bahia de Lagos, naquelles momentos de tão impolgante espétaculo.

Os sessenta navios da esquadra povoando a grande bahia, como fortalezas fluctuantes a perderem-se quasi de vista na estenção do mar, evolavam de suas baterias ondas de fumo branco que se iam desfazer no espaço infinito, incobrindo por vezes o intenso azul do ceo. O vento transportava em suas auras atravez o espaço os sons dos hymnos portuguê̂s e inglês tocados pelas bandas de bordo, mas isto era tudo tão grandioso, tão extraordinario, que não ha prosa que o descreva, nem pincel que o pinte com verdade.

A concorrencia de forasteiros á cidade de Lagos foi grande, e toda essa população se aglomerava pelas margens da bahia, gozando o surprehendente espetaculo que ella apresentava.

Raras vezes se terá reunido tão grande numero de vasos de guerra em qualquer porto do mundo, como o de estas esquadras nas aguas de Portugal, num dos seus melhores portos de mar, como é o de Lagos, e onde ha tres annos vem fazer seus exercicios, por concessão especial do governo portuguê̂s.

E' este um facto digno de registrar-se, o que fazemos neste arquivo da historia contemporanea.

O terramoto de Jamaica

Os telegrammas de 15 do mês passado deram noticia de ter ócorrido no dia 13, pelas 3 horas da tarde, um grande terramoto na Jamaica, uma das ilhas das Antilhas, possessão inglêsa, arrasando a cidade de Kingston, capital daquella ilha.

Os telegramas, a principio contraditorios sobre a grandesa da catastrofe, foram depois confirmando o enorme cataclismo, não deixando duvidas sobre a má nova, que ha poucos dias nos foi communicada por um nosso estimado assignante de Porto Antonio, em carta de 28 do mês passado, acompanhada de algumas fotografias da cidade de Kingston, de Porto Antonio e de tipos da ilha, que neste numero reproduzimos, agradecendo ao nosso solicito e oficioso correspondente sua estimada lembrança.

Antes de descrevermos os estragos produsidos pelo grande tremor de terra, vamos dizer em poucas palavras o que é a ilha de Jamaica.

Esta ilha faz parte das grandes Antilhas, situada ao sul de Cuba e a oeste do Haiti. Foi descoberta por Cristovão Colombo no anno de 1494 e ocupada pelos espanhoes até 1655, anno em que o almirante inglês W. Penn a tomou, ficando desde então sob o dominio da Gran Bretanha, com legislatura propria, composta de 43 membros eleitos pelos grandes proprietarios da ilha, tendo o governo inglês um conselho de 12 membros com *veto*.

A Jamaica, conforme as ultimas estatisticas, contava 650:000 habitantes sendo mais de metade pretos. Atravessa esta região as celebres montanhas Azues; o seu clima é temperado, ainda que pouco saudavel; o seu territorio é fertilissimo sendo a principal cultura o assucar, o café, o anil e outras plantas medicinaes, e ultimamente ali se tem desenvolvido a cultura do algodão. Varias catastrofes sismicas a tem assolado, sendo a primeira, de que ha noticia, em 1693; o mar cresceu sobre a terra destruindo as suas edificacões; 79 annos depois, em 1772, um grande ciclone de novo a arrasou; em 1886 outro ciclone produsiu-lhe tambem enormes estragos e o mesmo sucedeu em 1899 e em 1903 mais terrivel ainda.

Kingston é a capital desta ilha, cidade esplendida povoada de belos edificios, com largas avenidas e parques com lindas vivendas, residencia de muitas familias inglêsas e norte americanas, que ali vão passar a estação propria, procurando no seu clima temperado rufugio aos frios do norte. O mesmo acontece em Porto Antonio, outra estação aprasivel visitada pelos *touristes* nesta epoca do anno.

Diz-nos em sua carta o nosso presado assignante, que mais de 15,000 forasteiros se encontravam na Jamaica quando se deu a catastrofe, mas por fortuna poucos foram vitimas, razão da grande maioria residir nos arrebaldes da cidade e Porto Antonio onde o terramoto causou menos estragos.

A parte da cidade completamente destruida pelo terramoto é a comprehendida entre a Fleet-Street a leste, a West-Street, o mar ao sul e o extremo central da cidade ao norte, incluindo o bairro dos pretos cujas habitações, de ligeira construção, tambem ficaram arrasadas.

A terrivel catastrofe fez-se annunciar por forte ventania levantando nuvens de poeira como fumo que escureceu a atomosfera por alguns minutos, a que se seguiu o tremor do solo, crescendo o mar por sobre a casaria; acto continuo o chão abria-se em largas fendas por onde o fogo sahia, alastrando-se o incendio por toda a parte.

O terror invadio toda a população, não inferior a 50:000 habitantes, e não é possivel descrever as scenas desoladoras que se passaram nas ruas e nas praças, por entre os escombros das paredes que derruiam sobre os habitantes, deixando-os meio subterrados, perecendo a maior parte por não haver gente que lhes acudisse, pois os que assim não estavam presos entre as ruinas, haviam fugido aterrados para os campos, ou refugiando-se a bordo dos navios, que difficilmente poderam sahir para o mar.

A população negra é a que mais aterrorisava o quadro de si desolador, clamando em altos gritos lancinantes, correndo pelas ruas como loucos, alguns já presos das chammas, que irrompiam do solo conjuntamente com lofadas de fumo sufucante de vapores delétérios.

Os principaes edificios cahiram por terra como o teatro da cidade, a nova igreja catolica, o palacio do governo, a velha catedral e uma egreja escocêsa e duas protestantes.

A rua Real, principal arteria da cidade tambem ficou reduzida a um montão de ruinas; o grande hotel Constant, distante de Kingston, ficou muito arruinado com as paredes fendidas. No meio deste grande destroço uma singularidade ha que notar e é a estatua da rainha Vitoria, que se ergue na principal praça de Kingston, com a frente para o porto, apareceu voltada para o lado oposto sobre o pedestal em que assenta, sem mostrar sinal de ter sido aluida.

Muitos são os cadaveres que se vêem espalhados por a cidade em ruinas, pois faltam trabalhadores para os enterrar. O numero de vitimas sobe a alguns milhares.

A população escapa do cataclismo, alastra-se pelos campos onde improvisaram tendas para se recolher, faltando, porem, viveres para se sustentar, porque as lojas e armazens de comestiveis estabelecidos no centro da cidade ficaram subterrados nas ruinas.

Calcula-se em 500:000 libras os prejuisos materiaes feitos por este terramoto. Entretanto não faltarão capitaes inglêses e americanos para levantar de novo a derruida cidade e pôr em movimento a população entregue aos seus trabalhos agricolas e commerciaes.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO IV

(Continuado do numero antecedente)

Essas obras principiaram em 1833; em 1857 o vereador Aires de Sá, em sessão de 23 de março, propoz que o poço fosse fechado, a exemplo do que se fizera com os poços do Rocio. O tanque que hoje lá vemos só se ultimou depois de 1863. (1)

*

Foi insano o trabalho que a Camara teve para desobstruir o largo. Em 1839 trazia ali um troço de operarios empregados no desentulho. De 1846 a 1850 trabalhou-se activamente mas só em 1861, com o emprego da dinamite, se conseguiu destruir grande parte dos alicerces da Patriarcal e do Erario. As obras que a Companhia das aguas ali andava fazendo para a construção do reservatorio, dificultavam tambem esse trabalho, de sorte que em 1863 ainda a Cotovia offerecia o mesmo aspecto, cheia de cantarias e de madeiramentos, servindo de vasadoiro publico e de mercado de porcos que a propria Camara determinára em janeiro de 1847, fazer-se ali, por edital desse mez e anno. (2)

*

Por decreto de 1 de agosto de 1835 foi ordenado que se estabelecesse naquelles terrenos abandonados um mercado publico, por se tornar penoso aos bairristas a distancia a que estavam dos outros mercados. Foi a obra cometida á Camara que se encarregou da elaboração do plano. Além d'esta vantagem, servio a medida de pretexto para de algum modo dar fim á acumulação de barraquinhas desmanteladas que pejavam o sitio, onde se abrigava toda a casta de gente dando ocasião a scenas imoraes e a assaltos perigosos. Ainda, em 1835, quando os operarios da Camara procediam a desentulhos, foi ali encontrada uma creança horrorosamente mutilada dentro de uma panela. (1)

(1) Archivo da Camara Municipal differentes livros com extractos e resumos das sessões.
(2) Idem — Idem.

GENERAL JULIO ROCCA

EX-PRESIDENTE DA REPUBLICA ARGENTINA

Era perigosissimo atravessar de noite essas paragens onde as taes barraquinhas deram que fazer ao Municipio. Em 1843, por exemplo, foram expropriadas uma porção dellas ao professor Caldas Aulete, que recebeu de indemnisação um conto tresentos e tantos mil réis. (1)

(1) Idem — Idem.

Apezar de todas as tentativas camararias para civilizar o sitio, ainda em 1869, poucos mezes antes do ajardinamento da praça, era vulgar andarem os carneiros por alli ao pasto e verem-se rebanhos de cabras, exercitando-se nas suas apraziveis ascenções pela ribanceira que descaia para a rua da Procissão, ouriçada de cardos e piteiras. (2)

Mas peor ainda do que as cabras e os carneiros eram os cães, os numerosos cães lisboetas que fizeram suar os vereadores em projectos sobre projectos para a sua extinção. Fizeram-se regulamentos, publicaram-se posturas e editaes, mas tudo foi baldado. A cada alvitre sucedia uma objeção, uma dificuldade; e cada vez havia mais cães. Já em 1584, o Padre Duarte de Sande se refere a elles na sua descripção de Lisbôa. Era então costume, como o foi ainda no seculo 18, atirarem aos toiros para os subjugar, nas corridas reaes, cães furiosos que os mordiam e que muitas vezes eram despedaçados na praça pelas pontas dos cornupetos. (3)

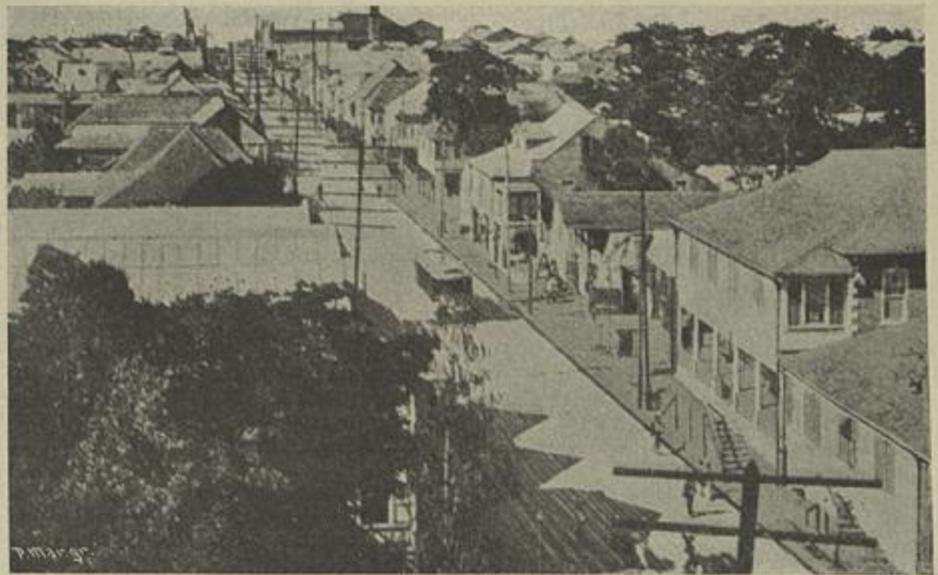
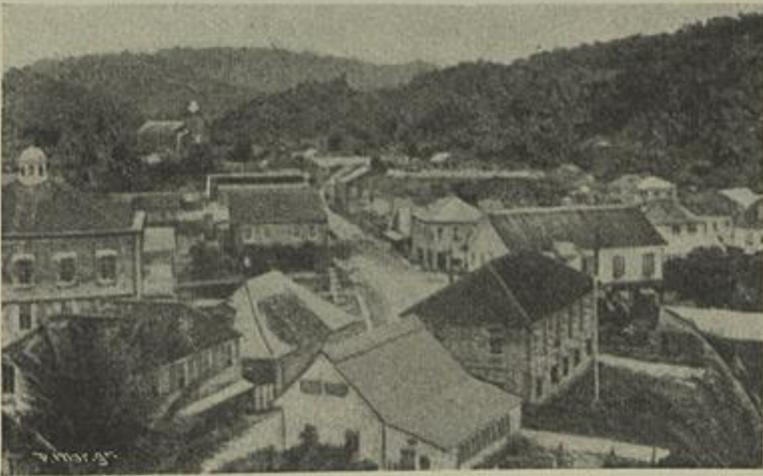
Em 1796, infestavam elles a cidade em grande numero, esfomeados e magros, ladrando e uivando e fazendo um alarido infernal defronte das casas de pasto onde costumavam dar-lhes os restos da comida e os ossos. E então era vê-los precipitarem-se esfomeados, correrem sobre os comestiveis, aos magotes, furiosos e temiveis. (4) No tempo do Intendente Delegarde, matavam-nos na rua ás pazadas. Em 1841 davam-se premios a quem os apresentasse mortos tal qual hoje se faz aos devastadores das ratas cidadãs. Esta medida

(1) Idem — Idem.
(2) Idem — Idem.
(3) Archivo Pittoresco, tomo VI.
(4) Voyage en Portugal en 1796 et particuliermént á Lisbonne Autor anonimo.

AS ESQUADRAS INGLESAS NA BAHIA DE LAGOS

(De fotografia)

O Terramoto de Jamaica

Palacio do Governo em Kingston

Rua Real em Kingston

Porto Antonio

Rua do Parque em Kingston

Tipos de Pretas da Jamaica

Mercado Vitoria em Kingston

Preta Lavadeira de Kingston

(De fotografias)

deu logar, como é facil de prever, a que se cometessem verdadeiras barbaridades, porque os vadios, arranjando com ella um meio de vida lucrativo e pouco trabalhoso, matavam-nos á facada e mais cruelmente ainda, dando a cada canto da cidade, sanguinolentos espectaculos. (1).

Em 1842 levavam-se ás carradas os cães mortos. Começaram então a apparecer os filantropos e o mais estreme delles foi decerto o Barão de Catanea, esse originalissimo tipo, meio charlatão, meio benemerito, que tornára a sua habitação um verdadeiro Jardim Zoologico, abrigando das furias da população, pouco caridosa para com os animaes, toda a casta de animalejos.

Foi assim que elle se arvorou em protetor dos cães, mandando fazer uma quantidade imensa de coleiras com o seu nome com que guarnecia o pescoço de todos os que apanhava a geito. A Camara deu um cavaco solemne, mas o Barão, colocara-se ao abrigo da lei com a sua associação protetora dos animaes e dos pretos.

Felismente hoje os cães pouco nos apoquentam e parece-nos fantasmagoria, se o não é, o numero quasi absurdo de 80.000 cães vadios que em 1796 vagueavam pelas ruas. (2)

A essa praga porém outra succedeu: E' Sua Excelencia o gato.

*

Os trabalhos de terraplenagens do largo principiaram ahi por 1852, por ordem do Conde de Rio-Maior, mas foram abandonados a breve trecho.

Em 1849 fêz-se novo projecto que tambem não chegou a ser executado. Em maio de 1861, já ali se tinham plantado algumas arvores que um temporal violento ocorrido a 9 desse mês deitou por terra. Finalmente em sessão da Camara de 22 de julho desse anno foi aprovada a planta de regulação do sitio e mandado fazer o respectivo orçamento. Principiaram logo os trabalhos.

Uma das questões mais dificeis de resolver e mais debatida nas sessões camararias, foi a da celebre muralha da rua da Procissão que devia substituir a ribanceira, campesina em demasia para uma cidade, que ali existia. A sua construção foi determinada em sessão de 9 de dezembro de 1862, mas em 1864 ainda se não tinham iniciado os trabalhos. Em sessão de 14 de março desse anno foi descutida uma representação dos proximos moradores pedindo que a muralha fosse alinhada por dentro dos quintaes das casas que voltavam para a rua da Procissão, a qual sendo enviada á repartição technica da Camara, esta informou contra, porque tal alinhamento encarecia demasiadamente a obra, sendo resolvido depois que a cortina do muro ficasse junta ao talude que dominava a servidão, e esta fechada por um portão de ferro, dando-se a cada morador uma chave para seu uso. Isso como hoje se vê foi depois modificado.

Em 1863 fez o municipio algumas concessões de terrenos a particulares, com contrátos vantajosos para estes no intuito de promover o alinhamento do largo e liberta-lo de vez das miseras barracas que o rodeavam.

Em sessão de 1 de fevereiro de 1864, o vereador Lopes dos Anjos pediu autorisação para colocar ali 30 bancos, e em 1869, n'uma das sessões de abril desse anno ontro vereador, Vaz Rans, propoz que dessem os passos necessarios para promover a illuminação do mesmo largo.

Finalmente em sessão de 12 desse mês o vereador Luis de Almeida e Albuquerque, ha pouco falecido e que foi um prestimoso e honrado cidadão, e que tinha a seu cargo o pelouro dos passeios e arvoredos, pediu, sendo-lhe concedida, autorisação para ajardinar aquelle sitio e, poucos mezes depois, coisa rara entre nós, ficou plantado o jardim que hoje lá vemos e que é sem contestação, não só um dos bellos da capital, mas de todo o pais. Por isso a Camara com inteira justiça, em sessão de 25 de junho, consignou-lhe na acta um voto de louvor, que elle modestamente transferiu para o jardineiro João Francisco da Silva, que com extraordinario zelo ecompetencia ajardinára elegantemente a praça, para o qual a Camara contribuira com cento e tantos mil réis que lhe sobraram da verba da illuminação do Passeio Publico.

E' pois ao falecido Conselheiro Luis de Almeida e Albuquerque que Lisbôa deve o jardim do Principe Real.

(1) Já citados livros do archivo da Camara Municipal.
(2) Idem — Idem.

Não ficaria bem á sombra de uma daquellas lindas arvores, o busto do saudoso municipe?

*

Durante algum tempo fez-se neste largo a feira das Amoreiras. A primeira que ali se fez foi em 1856, desde 11 de março até 30 de maio, conforme foi determinado em sessão de 24 de março desse anno, e o ultimo anno foi em 1868. Assim se decidiu em sessão de 27 de maio.

Tratarei desta popular feira quando chegar neste meu passeio evocador á praça das Amoreiras. Agora limitar-me-hei a transmittir ao leitor uma curiosa informação que me deram. Num dos ultimos annos que os feirantes ali assentaram arraiais, a barraca do posto da policia era feita de pannos de arrás. O destino tem ás vezes caprichos!

*

Em sessão de 20 de maio de 1880, foi presente á Camara, assignado por Edmond Bartissol, como representante de um sindicato Belga, um requerimento expondo o desejo do signatario de explorar, com 20 annos de privilegio, a exhibição de um Panorama, naquelle jardim, construindo para esse effeito um edificio apropriado sobre o lago, comprometendo-se a não impedir o jorro da agua e ficando o passeio a cargo da empreza exploradora. (1) A camara, como era de prever, informou contra. (2)

Este sr. Edmond Bartissol é actualmente deputado governamental no seu pais e proprietario em Seine-et-Oise do historico castelo de FleuryMeoragis, onde se tem hospedado personagens da mais alta categoria social desde o rei Luiz XIII, em 1634, até ao sr. Rouvier presidente do conselho de ministros que, ha dois annos, foi inaugurar a época da caça áquelle dominio quatro vezes secular adquirido por François Joly em 1602 e que o sr. Bartissol comprou a Mrs. Grandidier, um dos mais notaveis colecionadores francêses de louça da China.

Lisboa foi pois privada de admirar o projectado panorama do sindicato belga, mas, em compensação, ficou com um logradoiro publico, lindamente arborisado, cheio de sol e de flores, onde as crianças bairristas com as suas amas e *bonnes* vão correr, brincar e chilrear nas tardes quietas e perfumadas da primavera ou do verão, e onde os velhos caturras para quem uma restia de sol ao domingo constitue o melhor dos confortativos, vão espairecer e recordar.

A' sombra daquelle cedro copado ou daquelle chorão de ramos pendentes e tristes, sentam-se ha annos as mesmas figuras de velhos, caracteristicas e inconfundiveis, officiaes reformados, funccionarios aposentados e *tuti-quanti*. A creançada frequentadora do jardim, muda todos os annos, substitue-se, renova-se, altera-se, e com ella, as amas e as *bonnes*. Os bons velhos são invariaveis. O guarda já os conhece. Fala-lhes amigavelmente e uma vez por outra enceta uma conversa.

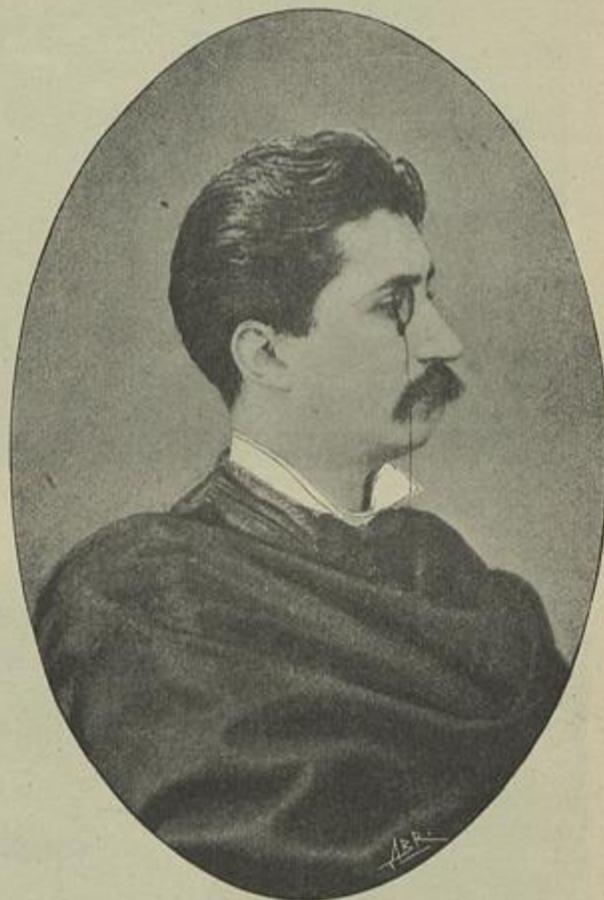
Uns conheço eu, desde que me entendo, sentados todos os domingos no mesmo banco, á mesma hora, na mesma posição e por signal conversando no mesmo assumpto, como os caturras do serieiro de Braga, daquelle serieiro da rua Nova onde se reuniam á noite uns pacatos braguêses que, depois de se terem inquirido sobre as novidades da terra, com os classicos — *Que ha de novo? Que conta você? Então o que se diz?* — recolhiam-se no mais absoluto silencio apenas interrompido de quando em quando, por algum freguês que o serieiro aviava sumariamente. Assim se conservavam até que o relogio da loja batia as 8 horas. Então, solenemente, precisamente como que obedecendo a uma varinha magica, levantavam-se e despediam-se em breves palavras. O serieiro acompanhava-os fóra do mostrador e quando os impagaveis conversadores se afastavam, gritava-lhes da soleira da porta com a maior seriedade deste mundo, *Então amanhã venham mais cêdo para o cavaco.* E vinham. No dia seguinte lá estavam nos mesmos logares, fazendo as mesmas pregnntas e despedindo-se á mesma hora. Tal qual os velhos cavaqueadores que eu conheço ha bons dez annos naquelle banco do jardim, apanhando um pedaço de sol todos os domingos de tarde, fazendo entre si essa eterna pergunta nunca respondida: *Então, o que ha de novo?*

G. DE MATOS SEQUEIRA.

(1) Já citados livros do Archivo da Camara.
(2) Idem — Idem.

RIMAS

(VERSOS POR JOÃO PENHA)

A critica, seja ella de que ordem fôr, é muitas vezes perigosa ou prejudicada, pela preferencia dada respectivamente pelos criticos, a uma ou ou-

DR JOÃO PENHA

tra escola de litteratura, e dá logar a que essa preferencia, perdendo o caracter que se lhe não pode negar e destacando para as apreciações os seus effeitos, lance sobre ellas uma paixão que de modo nenhum pode sêr compativel com a imparcialidade e que tende necessariamente a produzir n'esta, torsões de verdade e logica.

Os grandes mestres da critica, não conseguem, elles proprios, esquivar-se ao imperio d'esta circumstancia, e rarissimas vezes a independencia de espirito é bastante forte para oppôr a ella uma resistencia decidida. Se alguma cousa de falso ou de inconveniente existe no estudo critico de Francisco Sarcey, é, sem duvida, a parcialidade com que o eminente critico, deffende o convencionalismo no theatro e se o grande Zolá se presta ou expõe a receber censura, é pela paixão revelada pelo sublime escriptor na defesa do naturalismo theatral.

Da geração moderna, que tão parca, relativamente, tem sido na gestação de solidos talentos, cujas producções cinzelem no bronze da historia da litteratura portugueza, os nomes dos seus auctores, salienta-se, incontestavelmente, a individualidade inconfundivel de João Penha, o poeta arrojado e scintillante das *Rimas*, onde ensopou os arroubos da sua phantasia extraordinaria na hypnotisante seducção do imprevisto, desprezando convencionalismos de escolas, destruindo preconceitos sociaes, crystalisando na magica deificação do *Bello* os jórros de talento que lhe inundavam o cerebro previlegiado.

Quando findei a leitura d'este mimoso volume de versos, puz-me a scismar... e mercê do subtil subjectivismo que se evola do maior numero das composições das *Rimas*, remontei-me á quietação medievica do frondoso bosque, que circumda o rouqueiro castello, assente na collina fronteira, e ahi divisei a sombra do poeta...

Fitos no vago os olhos sybillinos, — com o bandolim a tiracollo, chapeu emplumado, punhal á cinta,

como é proprio do menestrel que na solidão da noite constellada, antegosa a mil sonhada delicia de aperceber, atravez da gelosia, o negro olhar da linda castellã.

*

* *

As *Rimas* dividem-se em quatro partes subordinadas aos seguintes titulos: *Vinho e Fel — Violão Nocturno — Onoffre e Lyra de Pangloss.* Ao todo sessenta e sete composições.

Em toda a obra de arte, impoem-se como principio rudimentar de esthetica, a concepção e a forma.

Se o laureado auctor das *Rimas*, na lucta cruenta, que todo o artista empenha com a Forma, uma ou outra vez ficou vencido, o numero das victorias, sem duvida, sobrepuja os desastres soffridos. Não podemos, por falta de espaço, assignalar todas aquellas, tão rendilhados lavôres tem o seu livro, mas, para citar alguns d'esses desastres, transcrevemos, por exemplo, este verso:

Nasce da flôr que a brisa affaga inquieta.

Como disse, abundam em compensação, exuberantes bellezas, sobresahindo entre os seus sonetos, pelo sentimento finissimo que encerra, um que tem por titulo — *sôb o influxo da negra phantasia.* O leitor, cujo coração não estiver embotado, ha-de, certamente, emocionar-se quando comprehender a angustia que synthetisa aquelle desejo angustioso, quando o poeta diz á sua bella:

Mas que ao menos no funebre jazigo,
Em recompensa do meu fado avesso,
Eu fique em marmore a dormir comtigo.

Entre as suas composições, notei como mais perfeitas as que figuram na segunda parte do volume:

— *Ballada, Amôr funesto, A' Beira-Mar, Ultimo Adeus, Scêna Campestre* — que está admiravelmente cinzellada e do qual os dois ultimos versos são na verdade um primor — e na primeira parte do livro muito me agradaram os sonetos: VII, XIV, XX, XXVI.

Não tem, nem é tal o meu intento, foros de critica o que venho de dizer, por quanto é talvez provavel, que os pequenos reparos feitos, exprimam apenas uma opinião isolada.

Não importa.

Que João Penha me perdôe a minha sinceridade, se qualquer reparo feito, involuntariamente, o desgostou.

*

* *

Resta-me dizer, que embora simples, é galante esta edição da casa Cruz & Comp.ª de Braga cujos successos demonstram, pelo primor dos seus muito conhecidos trabalhos, bons desejos em favôr da litteratura portugueza.

17-2-907.

MARIO DE SANTA RITA.

CIENCIA MODERNA

Temperatura da lua

Ainda não é questão resolvida a temperatura do nosso satelite, questão que tem sido debatida por muitos, chegando-se a conclusões que se afastam bastante umas das outras — Herchel atribuia á lua uma temperatura superior a 100° — Pelo contrario, Pouillet, Ericsson e outros, afirmavam que essa temperatura deveria ser pelo contrario negativa, marcando o 1.° — o lemite de 142° negativos, e o 2.°, o de 97° — egualmente negativos — Mais tarde o professor Langley pareceu demonstrar por meio do seu bolometro que essa temperatura deveria ser proxima de 0° — Ultimamente, porém, Vely tornou a ocupar-se da questão:

Já em 1890, demonstrára a deseguualdade de calor em varios pontos do disco lunar, parecendo que o calor aumentava até á lua cheia, diminuindo desde esta fáse, até ao quarto mingoante.

Tendo efétuado varias medidas de absórção e emisão do calôr em varias substancias, a temperaturas moderadas, Vely reconheceu que nenhuma radiação era emitida por uma região onde o sol está oculto, por um só dia o que denota que nenhuma atmosfera se opôs á radiação nóturna — Nos pólos, porém, encontrou Vely um ligeiro aumento, devido, naturalmente á presença prolongada do sol.

D'ali concluiu que, a meio do dia, para as regiões com sol, a superficie lunar póde attingir uma temperatura superior a 100°, e durante a noite lunar, baixar extraordinariamente, até 200.° negativos.

Não são ainda estes numeros prova evidente dos factos — o problema ainda se consérva em discussão. São mistérios da naturesa que se não desvendam tão facilmente.

Parece-nos, comtudo que os calculos de Vely são em grande parte exactos, pois que, considerando nós que as fases da lua são um dos modificadores do estado atmosferico, na terra, as mais altas temperaturas do anno são em geral observadas, durante o periodo que medeia entre o quarto crescente e a lua cheia, devendo, pois, esse facto ser, em parte, devido á refleção do calor lunar para a superficie da terra — Mas não pretendâmos avançar mais do que a ciencia — O problema ainda não está resolvido, e o debate ainda não cessou.

ANTONIO A. O. MACHADO.

LIÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

O novo apparelho que vamos descrever e que se denomina *Ticka* tem a forma de um relogio e recomenda-se pelas suas diminutas dimensões e otimos resultados que d'elle se obtem. As peliculas fotograficas são enroladas n,uma bobine e carregadas á lús do dia, sem contudo se exporem á ação diréta dos raios solares, tirando-se 25 provas sém de novo carregar a maquina. — O obturador faz a pose e o instantaneo.

Para carregar o aparelho, tira-se a tampa esterna, por meio de uma lingueta devendo-se em seguida colocar esta na sua primitiva posição, e antes de introduzir a bobine de peliculas dever-se-ha observar uma letra que está perto de uma chave fechando-se em seguida o aparelho. Desde que se dê á chave uma meia volta, o aparelho pode funcionar de novo.

CURIOSIDADES

Progressivamente, as expedições arcticas attingiram:

Em	1616 Baffin	$77^0,45'$
»	1773 Philipp	$80^0,48'$
»	1827 Parry (Spitzbey)	$82^0,45'$
»	1876 Markan (Estreito de Smith)	$83^0,20'$
»	1882 Lockword (Groelandia)	$83^0,24'$
»	1895 Nansen (Terra Francisco José)	$86^0,14'$
»	1900 Cagni » » »	$86^0,34'$
»	1906 Peary (Estreito de Smith)	$87^0,06'$

*

A villa de Épertes, na Hungria, é notavel por ali se fallaram 6 linguas differentes além dos varios dialectos do paiz — os seus 15:000 habitantes são todos linguistas. Todos ali se comprehendem. N'um mesmo estabelecimento publico, ouve-se fallar ao mesmo tempo 6 ou 7 linguas diversas, pelas differentes pessoas que ahi se acham. O cosmopolitismo d'esta villa é devido ao grande numero de *touristes* de todos os paizes que ali se encontram, mas a sua principal origem está nas diversas nacionalidades dos seus habitantes. E' ahi facil encontrar ao pé de uma farmacia hungura, um talho dirigido um por illyriano, um padeiro austriaco, uma merceria russa, um café turco, um bazar italiano, etc.

*

Londres recebe pelles para abafo, de todo o mundo excepto da Asia russa. As principaes especies são:

Lontra do mar, 463 pelles valendo até 7:500 réis cada uma.

Raposa prateada, 725 pelles com o valor de 6:000 réis cada.

Raposa azul	3.742	pelles
Raposa branca	20.341	»
Lynce	12.144	»
Zibellinas	29.547	»
Kolinski	472.796	»
Martas	55.106	»

E ainda mais, pelles de ursos, marmotas, cartones, chinchillas, ratos, esquillos, etc. etc. podendo-se calcular o numero de victimas por anno de 8:250.000, afim de servir de abafo á população londrina.

O MEZ METEOROLOGICO

Fevereiro, 1907

Barometro. — Maxima altura $773^{mm},2$ em 20.
» Minima » $750^{mm},9$ em 7.
Thermometro. — Maxima $17^0,7$ em 25.
» Minima $10^0,6$ em 3.

De 1 a 7, as temperaturas conservaram-se baixas, sendo as maximas de 3 a 7, respectivamente de $7^0,8$; $8^0,8$; $9^0,5$; $7^0,2$ e 9^0, e as minimas de $1^0,7$; $1^0,6$; $2^0,1$; $2^0,7$ e $3^0,7$.

De 2 a 8 o thermometro desceu sempre abaixo de 5^0, isto é, durante 7 dias seguidos. No dia 8, modificação do tempo e elevação da temperatura com algumas chuvas.

De 15 a 21, bom tempo e temperatura relativamente elevada. (Em 16, Max., $15^0 3$; 17; $17^0,1$ e 18; $16^0,3$), a qual se manteve em geral, n'esse nivel até 28. (Max., mais fraca desde 20 a 22, $12^0,4$ e minima mais baixa $7^0,5$ em 27).

Ceu. — Limpo ou pouco nublado, 11 dias.
» Nublado, 16 dias.
» Encoberto, 1 dia.

Chuva. — $19^{mm},7$ em 11 dias, dos mais seccos que tem havido em Lisboa.

Nevoeiro. — Em 19.

Temperaturas medias extremas:
Em 3, $4^0,60$. Em 11, $13^0,76$.

NECROLOGIA

Bernardino Lopes d'Oliveira

Falleceu no dia 12 do corrente, em Braga, para onde fôra residir ha cerca de tres annos, o benemerito cidadão Bernardino Lopes d'Oliveira, abastado proprietario, vice-consul do Brazil em Alcobaça e provedor da Misericordia da mesma villa.

Nascido na formosa e feracissima Alcobaça, a 4 de Novembro de 1832, de paes humildes mas probos e trabalhadores, Bernardino Lopes d'Oliveira,

BERNARDINO LOPES D'OLIVEIRA

cheio de vida, dotado de grande actividade e intelligencia, sentiu muito cêdo alargarem-se-lhe os horisontes para além dos limites da sua querida villa, sendo um dos primeiros a estabelecer a corrente de emigração d'Alcobaça para terras de Santa Cruz — Pernambuco —, para onde mais tarde seguiram seus irmãos mais novos, um dos quaes já fallecido (1), e muitos conterraneos, que hoje gosam de abastadas fortunas alcançadas n'aquellas paragens. Para lá partiu, pois, Bernardino Lopes aos 14 annos, com o coração cheio de esperanças n'um futuro risonho e uns olhos arrasados de lagrimas de saudade pela terra querida e pela familia estremecida.

Durante cerca de 17 annos se demorou em Pernambuco, desenvolvendo rara actividade e fino tacto commercial, a par de manifesta probidade; passou, dentro em pouco, de empregado zeloso a proprietario, conseguindo, á custa de grande can-

(1) Rodrigo Lopes d'Oliveira, — *Occidente* n.° 942 de 28-2-905

ceira e de porfiada economia, juntar abastada fortuna, com que se tornou á sua querida patria em 1863, depois de ter já em Pernambuco evidenciado a sua rasgada philanthropia como desvelado protector do *Gabinete de Leitura* e do *Asylo*.

De volta para a sua querida Alcobaça, ali deu largas á sua inergia inquebrantavel e ao seu bom senso methodico e illustrado, espalhando boa parte da sua grande fortuna nos melhoramentos materiaes e moraes da sua terra, que elle amou e serviu com entranhado affecto.

A sua explendida casa era o cenaculo onde se reunia o que de mais selecto havia em Alcobaça e mesmo de terras distantes, como a Luza Athenas, onde chegára a boa nova de que na fradesca villa existia um cidadão que ardentemente pugnava pelo progresso da sua terra, promovendo por todos os meios os melhoramentos de que ella urgentemente necessitava.

Transformou e modernizou o theatro, tornando-o um elegante templo da Arte, e iniciou e levou a cabo muitos outros emprehendimentos, que o tornaram credor da sympathia e da veneração dos seus conterraneos que, em signal de gratidão, o elegeram vereador da camara municipal em 1874, sendo elevado a presidente da mesma edilidade. Orientou a administração municipal no sentido progressivo e economico, de maneira a tornar aquella villa n'uma das mais ridentes e civilisadas do paiz.

Em 1886 foi nomeado Provedor da Misericordia, concebendo logo o humanitario pensamento de fundar um hospital conforme os preceitos modernos. A' misericordia falhavam porém os recursos; mas Bernardino Lopes, que não esmorecia aos primeiros revezes, lembrando-se dos seus amigos de Pernambuco, em hora abençoada se lhes dirigiu, manifestando-lhes o seu humanitario plano.

As offertas não se demoraram. Em 18 de abril de 1887 lançaram-se os primeiros fundamentos do hospital, que é hoje um edificio modelar, graças á sua dedicação e liberalidade. O nome de Bernardino d'Oliveira perpetua-se em uma das enfermarias; o seu retrato orna a sala das sessões, não só do Hospital, mas tambem do *Asylo*, onde o saudoso extincto prestou inolvidaveis beneficios.

EDWARD DAEHNHARDT

Bernardino Lopes d'Oliveira foi pois incansavel propugnador do desenvolvimento da sua terra, que deplora a perda do filho estremecido e prestante cidadão; exerceu a caridade no que esta tem de mais sublime, vigiando com paternal solicitude aquelles que se acolhiam ao *Asylo* ou ao *Hospital da Misericordia*, ou attendendo ás supplicas dos pobres e dos desvalidos da sua terra, que ora pranteiam o desapparecimento do generoso bemfeitor e amigo.

A seus filhos, D. Aurora, D. Alice e Americo Lopes d'Oliveira, e a seu bom irmão, José Lopes d'Oliveira, enviamos a expressão de nosso pezame.

J. A. Macedo de Oliveira

Eduard Daehnhardt

No dia 26 de janeiro faleceu, na sua casa da Estrada da Penha de França, o antigo consul geral da Allemanha, em Lisboa, Eduard Daehnhardt, que ha 45 annos residia nesta capital, onde era muito estimado pelos primores de seu caracter e dotes de espirito.

Henrich Christian Eduard Daehnhardt, nasceu em Berlim no anno de 1835 e veio para Portugal em 1862. Em 1886 foi nomeado consul da Allemanha nesta côrte, desempenhando-se do honroso e dificil cargo com inexcedivel zelo e inteligencia, conquistando a maior consideração e afetuosas simpatias da sociedade portuguêsa, como as da numerosa colonia alleman, a que sempre prestou todo o auxilio e bons serviços inherentes a seu cargo, e particularmente como cidadão prestante e util.

Estas qualidades eram reconhecidas pelo governo da sua nação, e disso teve bom testemunho quando da visita do Imperador Guilherme II a Lisboa, este o louvou pelos seus bons serviços á colonia, mostrando-se ainda sabedor de quanto o distinto consul era estimado nesta capital.

Eduard Daehnhardt era casado com a sr.ª de Weyke de bondoso coração, que não raro secundava seu marido, nos actos de caridade dispensados aos subditos da sua nação, quando por circumstancias da vidare corriam ao seu consul.

Eduard Daehnhardt tinha a carta de conselho e era vice-presidente da commissão executiva da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguêses.

A morte do illustre funcionario foi muito sentida tanto pela colonia alleman como pela melhor sociedade de Lisboa, onde era geralmente estimado.

As funções de consul geral da Allemanha estão sendo exercidas por um dos filhos do falecido, que já era vice-consul.